



DANILINHA

AMOR, ÓDIO, DOAÇÃO E VINGANÇA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A445d

Almeida, Carlos Maia de
Danilinha : amor, ódio, doação e vingança / Carlos Maia de Almeida. - 1. ed. - São
Paulo : Ícone, 2016.
608 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-85-274-1295-7

1. Ficção brasileira. I. Título.

16-31523

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

22/03/2016 23/03/2016

Carlos Maia de Almeida



DANILINHA

AMOR, ÓDIO, DOAÇÃO E VINGANÇA.

**icone**
editora

© Copyright 2016
Ícone Editora Ltda.

Capa

Alexandre Henry Ferreira Teixeira

Diagramação

Suely Danelon

Revisão

Fabília Carpinelli

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra,
de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico,
inclusive por meio de processos xerográficos, sem
permissão expressa do editor (Lei nº 9.610/98).

Todos os direitos reservados desta edição para:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Javaés, 589 – Bom Retiro

CEP: 01130-010 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

DEDICATÓRIA

*Dedico a Dr^a Marilza Aparecida Vitório,
que primeiro descobriu que eu poderia
escrever um livro.*

Aos meus filhos:

Andréa

Melissa

Maria Fernanda

Marco Antônio e

Marcelo

Eternas fontes de inspirações

*A minha esposa Marilene que
pacientemente ouviu minhas leituras
Experimentais.*

 PRIMEIRA PARTE

A cidade de São Januário amanhecera um pouco fechada em virtude da chuva que caíra pela madrugada. Dona Lílian acordara bem cedo, mal disfarçando a alegria pelo retorno do filho após dois anos ausente de casa. Havia chegado da Alemanha onde concluíra brilhante mestrado na área de agronomia. Defendera uma tese relacionada à fertilidade do solo e, com apenas vinte e dois anos, passava a ser bem conhecido junto à sociedade para desenvolvimento da ciência do solo. Enquanto coava o café no maior silêncio para não acordar o marido e os filhos que tinham deitado tarde da noite, Dona Lílian, de vez em quando, olhava pela janela o grande morro que circundava a cidade. Seu cume estava ligeiramente encoberto por um manto de neblina. Há exatos vinte e três anos, ou um pouquinho mais, repetia prazerosamente aquela rotina, desde que casara com Fabiano. O Dr. Fabiano, médico cardiologista, na época recém-formado e sem nenhuma expressão. Hoje, porém, muito conceituado na cidade. Ela levantava cedo sempre, coava o café olhando o morro pela janela enquanto a fornada de pães de queijo ficava no ponto. No início somente os dois. Às sete horas, em ponto, acordava o marido que, logo após o desjejum, rumava para o consultório, não antes de deixá-la no colégio onde dava aulas. Foi assim, até a chegada do primeiro filho, Fabiano Junior, o mestre em fertilidade do solo e os outros, num total de cinco, três homens e duas mulheres. Veio um após outro, nos quatro anos seguintes, alterando a rotina matinal que passou a incluir mamadeiras. Estas, contudo, acabaram ficando no passado e, a realidade sempre presente em suas manhãs, eram os cafés, os pães de queijos e o morro além da janela.

Estava, pois, assim, pensativa e contemplando a nuvem no cimo do monte que assumira a forma de um carneiro gigante, quando ouviu o

barulho vindo de um dos quartos. Era Fabiano Junior que despertara e, ainda de pijamas, veio para cozinha, pediu a benção e beijou a mãe, desvencilhando-se do abraço ao mesmo tempo em que dizia estar morrendo de saudades do pão de queijo que só ela sabia fazer. A mãe, algo desapontada, apresentou a bandeja recheada da quitanda, recém-tirada do forno. Lógico que queria ouvir do filho, que ele morria de saudades dela. Contudo, ponderou para si mesma, que talvez aquela fosse uma forma indireta de dizer que a amava muito, relacionando-a com algo que ela sempre fizera com muito amor para a família.

Mastigando a iguaria, Fabiano Junior abriu a porta da cozinha, desceu os degraus e ganhou o quintal da casa, olhando cada canto, cada pé de frutas mais além da horta, como se nunca antes tivesse visto tudo aquilo, acompanhado pelo olhar atento da mãe, que parecia estar vendo pela primeira vez aquele rapaz bonito que dava a impressão de falar com cada uma das plantas e se deu conta do quanto ele parecia com o pai. Começou a lembrar de quando conhecera o marido.

O esposo, Fabiano Irineu do Canto Garcia, era filho do Engenheiro Irineu do Canto Garcia e Dona Laura Emília Garcia. Família tradicional da cidade, os Canto Garcia só rivalizavam com os Martins Abranches, família também muito antiga na região e bem maior que a do seu marido. Dona Lílian Silva Garcia, antes Lílian Silva Furtado, filha de camponeses, viera para a cidade para continuar seus estudos aos dezesseis anos de idade – almejava ser normalista e depois dar aulas. Numa tarde, antes de voltar de férias para a casa dos pais, sentira seu coração disparar, no exato momento em que seus olhos pousaram no vulto de um rapaz que desembarcava da “baratinha” do seu Pereira, o único táxi da cidade, em frente à casa do Dr. Irineu. Cruzou com o rapaz no instante em que ele pisou na calçada. Ficou tão emocionada, que deixou a sombrinha escapar de suas mãos. O jovem elegantemente apanhou o guarda sol do chão, fitando-a com interesse enquanto fazia a entrega do objeto. Houve rápida troca de gentilezas e praticamente começara ali o namoro. Era o final do ano de 1948. Um ano depois estavam casados.

Ainda imersa nessas reminiscências, foi despertada por Fabiano Júnior que retornava do quintal. Levantou-se e foi de encontro ao filho, ensaiando um abraço que o rapaz não percebeu, tão absorto estava em seus pensamentos. Passou pela mãe estacando-se mecanicamente frente à vasilha

de pães de queijo. Dona Lílian notou pelo semblante do filho meio dúbio, algo interrogativo, que ele queria saber alguma coisa:

– Meu filho o que o incomoda? – Perguntou a mãe.

– Na verdade nada, apenas queria saber se a senhora tem notícias da Danilinha.

– Ah! Então é isso! – Suspirou Dona Lílian – Tenho sim, vejo-a quase todos os dias. Ela sempre vem nos visitar, é muito amiga de suas irmãs e de toda a família.

– Ainda... Ainda está bonita?

– Muito bonita. Eu acho até que não existe em toda a região moça tão bela. Acho não, tenho certeza, por essas bandas ela é a única.

– Mas... – Tentou dizer algo e se calou.

– Mas o que? – Inquiriu a mãe, pressentindo onde a conversa iria chegar. – Fala!

– Com toda essa beleza... Já deve estar no mínimo noiva... Acertei? – Arriscou Fabiano Júnior.

– Não! E não é por falta de pretendentes. Deve tê-los aos milhares, mas nunca namorou ninguém. O que se sabe é que está esse tempo todo esperando por você. Diga-me uma coisa, vocês são namorados? Correspondiam-se?

– Não mãe! O que ocorre é que desde criança ela sempre me dizia essas coisas, que ia casar comigo, ter muitos filhos... Nunca levei a sério... A senhora sabe desde os doze anos que estudo fora, só vinha por aqui em épocas de férias.

– Eu sei – Disse a mãe.

– Nas últimas férias que estive aqui – continuou o filho – há dois anos, nas vésperas de minha partida para a Alemanha, sem mais nem menos ela me sapecou um beijo na boca, após dizer que iria aguardar o meu retorno para selar o nosso casamento, ou morrer num convento caso isso não acontecesse... Assim sem nunca ao menos ter sido a minha namorada.

– Humm... – Murmurou dona Lílian – E você?

– Para ser sincero, a partir daquele beijo nunca mais pude deixar de pensar na Danilinha. – Respondeu o moço. Barulhos vindos dos quartos davam conta que o resto da família estava acordando.

Danila Sofia Martins Abranches – a Danilinha, era neta do patriarca da família, Sr. Rodrigo Martins Abranches, este, filho de pai Espanhol e mãe